

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ADOPÇÃO E ESTIGMA SOCIAL

Nísia F. Silva Bettencourt

Outubro de 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor António
José Miguel Cameira (F.P.C.E.U.P.).

Agradecimentos

Porque quem ama verdadeiramente faz sacrifícios... o meu muito obrigada aos meus pais...

Porque quem ama verdadeiramente não é egoísta... o meu muito obrigada aos meus irmãos...

Porque quem ama verdadeiramente protege... o meu muito obrigada à minha avó...

Porque quem ama verdadeiramente escuta... o meu muito obrigada aos meus amigos...

Porque quem ama verdadeiramente partilha... o meu muito obrigada à minha amiga Cátia Pereira e sua família...

Ao meu orientador, António José Miguel Cameira, pela disponibilidade, apoio, e pela oportunidade que me concedeu de estudar uma temática de importância a nível pessoal.

À Professora Doutora Adelina Barbosa por me despertar ainda mais o gosto pela temática da adopção.

Resumo

Na presente dissertação, pretendemos estudar a representação do público em geral sobre as crianças adoptadas visando, nomeadamente, detectar eventuais atribuições internas preconceituosas, como por exemplo, carências afectivas, agressividade, instabilidade emocional e dependência dos adultos.

Para esse efeito, utilizámos uma adaptação do *Child History Expectations Questionnaire* (CHEQ; Briggs et al, 1994,1995) o qual mede as atitudes face a uma criança-alvo apresentada como cometendo uma acção agressiva gratuita. Adicionalmente, manipulámos a situação/origem familiar da criança-alvo – com pais biológicos, com pais adoptivos, ou numa instituição/centro a aguardar a adopção – de forma a compararmos as atitudes registadas nas três situações.

O estudo foi realizado com uma amostra de 180 sujeitos (90 homens, e 90 mulheres, idade, $M=32.96$, $DP=11.92$), os quais foram divididos aleatoriamente pelas três condições experimentais.

A maioria dos resultados encontrados aponta para uma representação globalmente positiva da criança-alvo, independentemente da sua condição familiar, sugerindo uma ausência de preconceito face à criança adoptada nas dimensões observadas. São apontadas algumas limitações a este estudo e lançam-se sugestões para futuras investigações.

Palavras-Chave: adopção, parentalidade adoptiva, criança-adoptada, preconceito.

Abstract

In this dissertation, we intend to study the representation of the general public regarding adopted children and to detect any prejudicial internal assignments, for example, emotional deprivation, aggressiveness, emotional instability and dependence on adults.

To this end, we have used an adaptation of *Child History Expectations Questionnaire* (CHEQ; Briggs et al, 1994.1995) which measures the attitudes to a targeted a child presented as making an aggressive action free of charge. Additionally, we controlled the situation/family origin of the target child – with birth parents, adoptive parents, or in an institution/Centre waiting to be adopt – in a way to compare the attitudes that had been reported in three situations.

The study was conducted with a sample of 180 subjects (90 men and 90 women, age, $M = 32.96$, $DP = 11.92$), which were randomly divided by three experimental conditions. The majority of the results that were found suggest a positive representation of target child, no matter their family condition, suggesting a lack of bias regarding the adopted child in the dimensions that were mentioned. some limitations to this study have been found, and suggestions for future research are given.

Keywords: adoption, adoptive kinship, adopted children, prejudice.

Résumé

Dans cette thèse, nous avons l'intention d'étudier la représentation du grand public sur les enfants adoptés à, notamment, détecter toute attribution biaisée internes, comme par exemple, privation affective, l'agressivité, instabilité émotionnelle et la dépendance à l'adulte.

Pour ce faire, nous avons utilisé une adaptation du questionnaire Histoire Attentes des enfants (CHEQ, Briggs et al, 1994,1995) qui mesure les attitudes envers un enfant cibles présentées comme commettant un acte hostile libre. En outre, nous avons manipulé la situation/antécédents familiaux de l'enfant cible - avec les parents biologiques, avec les parents d'accueil ou dans une institution / centre en attente d'adoption - afin de comparer les attitudes enregistrées dans les trois situations. L'étude a été menée auprès d'un échantillon de 180 sujets (90 hommes et 90 femmes, âge $M = 32.96$, $PD=11,92$), qui ont été répartis aléatoirement par les trois conditions expérimentales.

La plupart des résultats montrent une représentation globalement positive de l'enfant cible, indépendamment de leur statut familial, ce qui suggère une absence de préjudice à l'encontre de l'enfant adopté dans les dimensions observées. Sont souligné certaines limites à cette étude et jettent des suggestions pour de futures recherches.

Mots-clés: adoption, la parentalité adoptive, l'enfant adopté, le préjugé.

Índice

1. Introdução	2
1.1. O que é adopção?	3
1.1. História da Adopção em Portugal	4
1.2. Mitos acerca da adopção	5
1.3. Estigma na Adopção	7
1.4. Família Tradicional vs. Família Adoptiva	9
1.5. A criança adoptada	11
1.6. A institucionalização	13
1.7. Estigma, Atitudes e Preconceito	15
1.8. Estudos sobre a Adopção e Estigma Social	16
2. Estudo Empírico	18
2.1. Objectivos do Estudo	18
2.2. Método	19
<i>Participantes</i>	19
2.2.1.	19
<i>Plano Experimental</i>	20
2.2.2.	20
2.3. Instrumento	20
2.4. Procedimento	21
3. Resultados	23
3.1. Variáveis sócio-demográficas e individuais	23
3.2. Estatísticas correlacionais e inferenciais	23
4. Discussão	29
Referências Bibliográficas	33
ANEXOS	36

1. Introdução

O processo de adopção é um tema delicado, apaixonante e complexo. É um caminho alternativo para quem deseja exercer a parentalidade, cujo destino é um lar seguro, onde os pais se comprometem a proteger, amar e orientar uma criança. É encarado como um meio de protecção à criança, em que se lhe proporciona uma família que lhe pode prestar os cuidados que a família biológica não pôde (Mascarenhas & Alarcão, 2002).

Citando Palacios e colaboradores (1996), “A adopção nasce dum cruzamento de caminhos que coincidem num desejo e numa disponibilidade. Pode afirmar-se que não houve época histórica em que não tenha havido (...) situações adoptivas” (p.9).

A adopção é ainda estigmatizada pela sociedade, uma vez que não é considerada como primeira via para a parentalidade, sendo esta perspectiva, frequentemente, partilhada pela família alargada do casal que pretende adoptar, assim como pela rede social, dificultando assim as relações de apoio (Palacios, 1998).

Apesar de este ser um tema bastante visado na literatura, são poucos os estudos realizados com o intuito de analisar as representações e atitudes sociais sobre o fenómeno e respectivos intervenientes, principalmente no contexto nacional. Advém daí a relevância da presente investigação.

A presente dissertação encontra-se dividida em quatro secções. Na primeira secção, será apresentado o enquadramento teórico do trabalho em torno das temáticas que serviram de base a este estudo. A secção 2 será reservada à caracterização metodológica do estudo. Na secção 3 serão apresentados os resultados. Por último, a secção 4 destina-se à apresentação das conclusões do estudo.

1.1. O que é adopção?

Questões como a separação, a perda, o trauma, uma vinculação interrompida e conflitos de identidade, estão associadas à experiência da adopção, e cada vez mais os técnicos na área da saúde se têm preocupado em estudar os riscos psicológicos associados a esta prática. Embora alguma investigação sugira que as crianças adoptadas manifestam mais problemas comportamentais e emocionais do que os seus pares, outras têm verificado que se encontram igualmente bem ajustadas (Brodzinsky & Palacios, 2005 *in* Javier, Baden, Biafora & Camacho-Gingerich, 2007). Deste modo, para compreender este fenómeno é necessário definir alguns conceitos importantes, bem como algumas problemáticas associadas.

A adopção é definida como “o vínculo que, à semelhança da filiação natural, mas independente dos laços de sangue, se estabelece legalmente entre duas pessoas” (artigo 1586º do Código Civil, 1998) (...), “visando realizar o superior interesse da criança e será decretada quando apresente reais vantagens para o adoptando (...)” (artigo 1974º do decreto de lei nº31/2003, de 22 de Agosto). De um modo mais vasto, segundo Diniz (1993) pode definir-se a adopção como “a inserção num ambiente familiar, de forma definitiva e com aquisição de vínculo jurídico próprio da filiação, segundo as normas legais em vigor, de uma criança cujos pais morreram ou são desconhecidos, ou, não sendo esse o caso, não querem ou não podem assumir o desempenho das suas funções parentais, ou são pela autoridade competente considerados indignos para tal” (p.58).

Assim, a adopção deve ter como objectivo assegurar as necessidades da criança. Esta, ao integrar-se numa família de carácter permanente, satisfaz também uma necessidade da família, pois o seu desejo de exercer a parentalidade é realizado (Salvaterra & Veríssimo, 2008). O processo de adopção pressupõe três fases principais: (a) o reconhecimento e aceitação, por parte do casal, da sua incapacidade de ter filhos biológicos (maioria dos casos), (b) a aceitação por ambos os membros do casal de serem pais de uma criança com a qual não têm vínculos biológicos, e (c) o perfil de criança que pretendem adoptar

(Rosenberg, 1992 *in* Mateus & Relvas, 2007). O processo só poderá ser concretizado, caso os futuros pais adoptivos sejam pessoas idóneas, com uma situação familiar e económica favorável e cujos motivos sejam considerados como indo ao encontro do superior interesse da criança.

1.1. História da Adopção em Portugal

A adopção existe desde sempre com os contornos específicos de cada época e de cada sociedade. É um conceito que remonta aos primórdios da humanidade (Mateus & Relvas, 2007). O processo envolvido, bem como a legislação a ele associada, foi sofrendo alterações, até assumir a forma que tem no presente, isto é, defender o superior interesse da criança.

Na sequência da I e II Guerras Mundiais o elevado número de órfãos resultante levou alguns países a encarar a adopção como uma resposta a essas crianças. É no seguimento desta conjuntura que a adopção é (re)introduzida no regime jurídico português, através do Código Civil de 1966 (Decreto-Lei nº 47344, de 25 de Novembro de 1966), em vigor desde dia 1 de Junho de 1967. Dissemos (re)introduzida porque a adopção já tinha vigorado anteriormente, aquando das Ordenações Afonsinas e Manuelinas, com o propósito de atribuir a qualidade de herdeiro ao adoptado, mas foi interrompida aquando a introdução do Código de Seabra (Salvaterra & Veríssimo, 2008). Posteriormente, na reforma de 1977, é implementada a adopção plena, pois o regime que vigorava até então abrangia apenas a adopção restrita. Nesta última, os adoptados mantinham os direitos e deveres em relação à família biológica (Artigo 1990º), sem, contudo serem considerados herdeiros legítimos dos adoptantes (Artigo 1994º). Por sua vez, na adopção plena, os adoptados adquirem a posição de filho legítimo legalmente (Artigo 1979º), tendo igualmente o direito a utilizar os apelidos dos adoptantes (Artigo 1994º). Nessa mesma reforma, segundo Salvaterra e Veríssimo (2008), as principais alterações foram: (1) a diminuição da idade mínima dos adoptantes, (2) a permissão de adoptar para quem já tenha filhos biológicos, (3) a aceitação da

adopção plena singular, (4) alterações no regime de consentimento dos pais biológicos, podendo este ser prévio, (5) e a passagem das decisões referentes a todo o processo de adoção ao sigilo (Artigo 1985º do Código Civil e 169º da Organização Tutelar de Menores).

Posteriormente, com as reformas legislativas que se foram sucedendo, introduziram-se continuamente modificações nas leis com o objectivo de coadunar o regime de adoção às transformações sociais.

Paralelamente a estas transformações, foram constituídos os organismos de segurança social que têm como função mediar o processo tutelar e de adoção. O programa de Adoção foi criado por estes organismos, em conjunto com o Ministério da Justiça tendo como objectivo a protecção das crianças, quer pelo Estado, quer pela sociedade. As leis posteriores passaram a defender os direitos das crianças, em detrimento dos direitos dos adultos, sempre que existissem posicionamentos discordantes (Salvaterra & Veríssimo, 2008), ao contrário da postura inicial, em que a adoção salvaguardava necessidades económicas, políticas e religiosas, e heranças familiares (Mascarenhas & Alarcão, 2003). Pode assim inferir-se que a prática da adoção é um meio de proteger a criança, recorrendo a políticas integradas de protecção à infância e juventude (Diniz, 1993).

1.2. Mitos acerca da adoção

Os meios de comunicação social, tais como a televisão, a imprensa e o cinema, afectam a nossa maneira de pensar e de ver o mundo, suportando mitos existentes sobre a adoção. Uma investigação levada a cabo pelo The Evan B. Donaldson Adoption Institute, em 1997 nos Estados Unidos da América sobre as atitudes da comunidade em relação a esta temática verificou que, para 52% dos respondentes, os meios de comunicação social são a sua principal fonte de informação acerca da adoção (Wegar, 2000).

Embora se encare a adopção como uma forma bastante comum de constituir uma família, as pessoas em geral, não lhe atribuem um simbolismo positivo (Waggenspack, 1998). Este facto resulta das distorções por parte da comunicação social, o que vai influenciar o modo como o público em geral percebe este processo. A maioria dos casos relatados pelos meios de comunicação envolvendo a adopção são divulgados de forma negativa. A título de exemplo, entre Janeiro e Dezembro de 1993, nos canais televisivos americanos foram encontradas 69 histórias relacionadas com a adopção, em que apenas 24% focavam aspectos positivos sobre os perfis das famílias adoptivas e sobre as leis associadas ao processo. Do mesmo modo, de 1993 a 1998, as mensagens divulgadas à população foram referentes às batalhas existentes na adopção (que não são a norma) ou sobre famílias “destruídas” por terem decidido ser famílias adoptivas (Waggenspack, 1998).

O processo de adopção é assim rodeado de mitos, como por exemplo, o do rapto de crianças das respectivas famílias biológicas para futura venda; o risco associado ao desconhecimento da herança genética; e a obsessão pela procura dos pais biológicos por parte das crianças quando chegadas à adolescência (Waggenspack, 1998). Outro factor a considerar, e irrelevante para uma notícia, é o facto de quando esta é, por exemplo, sobre um crime, na eventualidade de quem cometeu o crime ser adoptado, essa informação ser divulgada. São estas más representações de processos de adopção e de notícias relacionadas que fazem com que as famílias adoptivas sejam confrontadas com um dilema simbólico de como podem levar os outros a perceberem a adopção como uma forma normal e positiva de construir uma família. Estas famílias enfrentam assim, uma crise simbólica, devido ao facto das suas realidades estarem em desacordo com as de outros, sendo isto traduzido por equívocos, comentários insensíveis, ou questionamento dos motivos pelos quais as pessoas queiram adoptar, que pode conduzir, conseqüentemente, ao dano da auto-estima das famílias envolvidas em processos de adopção (Waggenspack, 1998).

A linguagem negativa associada à adopção pode ser, também, um indicador das atitudes da sociedade face à mesma (Waggenspack, 1998). Termos como órfão, rejeitado, bastardo, ilegítimo, indesejado, são muitas vezes “sinónimo” de “adoptado”. O próprio termo adoptado transmite algum desconforto,

pois para a população em geral, os termos associados à adopção são normalmente negativos (Waggenspack, 1998).

Deste modo, a falta de sensibilidade, conhecimento e apoio nas informações dos meios de comunicação, pode fazer com que os adoptados sejam alvos de preconceito e confrontados com questões/comentários como: "Quem são os teus pais verdadeiros?" ou " não és uma criança normal, és adoptado!". Estas questões são ilustrativas de como, por vezes, os adoptados são interpelados de modo pejorativo. O adoptado é contemplado frequentemente como alguém com problemas e com uma possível má herança genética (Waggenspack, 1998) .

1.3. Estigma na Adopção

Nas investigações realizadas sobre a temática da adopção, tem sido dada pouca relevância ao estudo das atitudes sociais associadas com a adopção e o seu impacto. Este pode ser um dos factores que contribui para a estigmatização nas diversas comunidades da parentalidade adoptiva e, de forma indirecta, poder incutir nas famílias adoptivas o sentimento de que estas não são iguais às biológicas (Miall, 1987). O motivo pelo qual, por vezes, se recorre à adopção é o de representar uma alternativa para se formar uma família, de forma a agir de acordo com as normas esperadas da sociedade e com a progressão natural das famílias. O exercício da parentalidade é bastante valorizado, o que faz com que ter um filho seja quase obrigatório (Mateus & Relvas, 2007). De acordo com Leandro (1987) ter um filho pode reforçar a identidade sexual e a integridade física e social do individuo e do casal (Mateus & Relvas, 2007).

Miall (1987) afirma que a adopção é vista como a forma de exercer a parentalidade mais estigmatizada, a seguir à reprodução medicamente assistida, e vista como diferente, e menos “importante” que a parentalidade biológica. Contudo, apesar disso também é caracterizada como a “segunda melhor” solução para a parentalidade. Miall (1987) levou a cabo uma investigação acerca das

atitudes sociais para com as famílias adoptivas, no sentido de compreender como as mulheres que desejam adoptar com problemas de (in)fertilidade definem a sua situação e a percepção que os outros têm acerca da parentalidade adoptiva. Esta autora verificou que metade das entrevistadas acredita que este tipo de parentalidade é percebido como sendo diferente da parentalidade biológica; contudo dois terços das entrevistadas referem que não sentem essa diferença por parte de familiares ou de amigos próximos. Outro resultado aponta para o facto de dois terços das respondentes se sentirem perturbadas com a sensação de perspectivar o sentimento de maternidade como inferior, comparando com o sentimento de maternidade na parentalidade biológica. Este sentimento foi incitado pelas ideias que circulam na sociedade acerca da adopção, a saber: 1) que as famílias adoptivas são consideradas inferiores porque o laço biológico é assumido como sendo importante para a plena ligação filial; 2) que os pais adoptivos são considerados “piores” pais por não estarem ligados por consanguinidade aos filhos; 3) que a herança genética dos adoptados é duvidosa.

A enfâse nos laços de sangue relega a adopção como instituição para um estatuto subalterno no sentido em que, de acordo com a lei, apesar de a adopção estabelecer graus de parentesco, em termos subjectivos não elimina a ligação biológica existente (Kirk, 1981 *in* Miall, 1987). Na ideologia norte-americana, a família é definida como "unidade familiar nuclear de um casal heterossexual e seus filhos biológicos" (Andersen, 1991, *in* Wegar, 2000). Bernardes (1985) observou que devido ao domínio desta ideologia, as restantes formas de família, nomeadamente as adoptivas, podem ser consideradas como uma forma de família desviante e estigmatizada (Kressierer & Bryant, 1996, *in* Wegar, 2000). Por outro lado, existe também quem contemple a parentalidade adoptiva, não como uma forma de família desviante, mas como a glorificação da capacidade do ser humano de sentir e fomentar laços de parentesco para além das relações biológicas (Wegar, 2000).

1.4. Família Tradicional vs. Família Adoptiva

Segundo Sampaio (1984) uma família é “um sistema, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados” (Sampaio & Gameiro, 1985, p. 9). De acordo com Relvas (1996), o ciclo vital da família é constituído pelas seguintes etapas: formação do casal, família com filhos pequenos, família com filhos na escola, família com filhos adolescentes, e família com filhos adultos. Nestas etapas, existem tarefas básicas que são transversais a todos os tipos de famílias o que faz com que muitas famílias adoptivas se considerem iguais às famílias tradicionais, à excepção do vínculo biológico existente entre pais e filhos. No entanto, essa transversalidade de tarefas não faz com que algumas famílias adoptivas deixem de se considerar diferentes das famílias tradicionais (Palacios, 1998).

De acordo com Salvaterra e Veríssimo (2008), as relações maternas e paternas desenvolvem-se e são fortalecidas através do exercício parental. A parentalidade psicológica depende da relação criada entre pais e filhos e não da sua ligação biológica (Mateus & Relvas, 2007). Por sua vez, Hoskberg (1996) defende que o que determina a parentalidade psicológica é a quantidade e qualidade de tempo que os pais dirigem aos seus filhos (Mateus & Relvas, 2007).

Quanto a causas que têm influência numa prática adoptiva com sucesso, encontram-se, entre outros factores, a preparação do processo de adopção e a capacidade dos pais para lidar com os desafios que possam surgir da adopção (Mateus & Relvas, 2007).

Dentro das famílias adoptivas podem existir diferenças maiores do que entre estas e as tradicionais. Estas diferenças são originadas pelos vários motivos das diferentes famílias para adoptarem, pelas idiossincrasias dos adoptantes e dos adoptados, e pelas relações próprias a cada família (Palacios, 1998).

Existem famílias que adoptam crianças pequenas, outras, crianças mais velhas, ou mesmo fratrias, e ainda outras recorrem à adopção de crianças

estrangeiras, o que consequentemente torna as respectivas dinâmicas familiares diferentes umas das outras. De igual modo, as características próprias dos adoptantes, como a idade, o estatuto sócio-económico, contribuem para uma dinâmica familiar única e diferente das demais (Palacios, 1998).

Outro aspecto que contribui para explicar as diferenças entre as famílias adoptivas, prende-se com a motivação dos casais adoptantes, nomeadamente pelo facto de uns optarem por construir uma família através da adopção porque lhes foi diagnosticado um problema de (in)fertilidade, enquanto que, noutros casais, esse problema não se verifica (Anderson et al., 1993, *in* Palacios, 1998).

As famílias adoptivas desempenham as mesmas tarefas das famílias tradicionais e ainda outras decorrentes da sua particularidade. Segundo Rosenberg (1992) as etapas do ciclo vital de uma família adoptiva começam quando a criança integra o seio familiar, sendo estas: a formação da família e o exercício da parentalidade (1), a família com as crianças em idade pré-escolar (2), em idade escolar (3), com filhos adolescentes (4), com filhos adultos (5), e por último, a família em fase tardia (5) (Alarcão, 2006). Na primeira etapa, as diferenças relativamente ao desenvolvimento da parentalidade na família nuclear tradicional surgem devido ao sentimento de avaliação a que esta é sujeita durante o período de pré-adopção, ao questionamento acerca do motivo pelo qual decidiram adoptar, ao percurso desenvolvimental da criança não ser acompanhado desde o nascimento, além dos seus antecedentes familiares poderem ser desconhecidos, o que não acontece na família tradicional (Alarcão, 2006). A segunda etapa é caracterizada essencialmente pela revelação à criança de que é adoptada, tarefa esta exclusiva deste “tipo” de família (Palacios, 1998, *in* Alarcão, 2006). Na terceira etapa, à semelhança do que acontece com a família tradicional, destaca-se um maior envolvimento da criança no mundo exterior. Nas famílias adoptivas, no que concerne às expectativas escolares, estas são causadoras de mais ansiedade do que nas outras famílias, devido às dúvidas sobre os antecedentes familiares da criança os quais comportam por vezes factores de risco (e.g., problemas psiquiátricos). A quarta etapa é caracterizada pelo ajuste da autonomia e da separação do adolescente dos seus pais. Esta tarefa, neste tipo de famílias, é mais complexa do que nas tradicionais, pelo medo que os adoptantes têm de ser abandonados pelo filho em favor da família

biológica. Na quinta etapa, em que é normal os filhos saírem de casa para formarem a sua própria família, o medo do abandono pode surgir novamente (Alarcão, 2006). A última etapa pode constituir para os adoptados uma experiência penosa, porque em caso de falecimento dos pais adoptivos, vão experienciá-lo como mais uma perda, como um novo abandono (Alarcão, 2006).

Kirk (1960) foi pioneiro em reconhecer a necessidade de se distinguir uma família “normal” de uma adoptiva, sugerindo que esse reconhecimento é fundamental para a adaptação da família no seu todo, e em particular dos filhos adoptivos (Mateus & Relvas, 2007). Assim, a percepção que os pais adoptivos têm acerca de serem alvos de estigma, pode influenciar a forma como vêem o seu papel de pais (Miall, 1987). Estes enfrentam problemas específicos da adopção, nomeadamente o saber quando partilhar a decisão da adopção com os outros, por existir um estigma social acerca da mesma (Farber, Timberlake, Mudd & Cullen, 2003). Existem também outras tarefas específicas que as famílias adoptivas enfrentam, nomeadamente a própria transição para a parentalidade adoptiva, a revelação e o suporte, no caso de a criança querer conhecer a família de origem (Mascarenhas & Alarcão, 2007).

1.5. A criança adoptada

Uma instituição, pelas limitações que tem, pode não conseguir prestar cuidados contínuos a uma criança, sendo a mesma privada de algumas condições necessárias para um bom desenvolvimento psicológico, como um relacionamento estável e duradouro, o apoio emocional e a sua estimulação (Verrier, 2007).

Assim, optar pela adopção pode ser uma solução para a criança que é abandonada pela progenitora por não ter condições para lhe prestar os devidos cuidados, e para o casal que não pode ter filhos. No entanto, mesmo depois de adoptada, a criança pode continuar a ver-se como indesejada, não conseguir

perspectivar a relação adoptiva como sendo uma relação permanente e apresentar distúrbios emocionais e comportamentais (Verrier, 2007).

Podem também surgir complicações ao nível do desenvolvimento das relações pais-criança. A criança pode desenvolver a crença de que foi adoptada como forma de represália por possivelmente ter tido um mau comportamento no passado. Esta crença pode levar a criança a ser dependente a nível emocional, a situações de apatia e fracasso escolar, ou a testar os pais adoptivos, exibindo comportamentos agressivos, desafiadores, de modo a pôr à prova o amor incondicional destes (Alarcão, 2006).

As crianças adoptadas normalmente são identificadas como um “grupo problemático” sendo associadas a condutas desadaptadas que afectam as relações afectivas e sociais, bem como o rendimento escolar (Palacios, Sandoval, & Espinosa, 1996). O sentimento que estas desenvolvem por terem sido abandonadas pode-lhes provocar sentimentos de inferioridade também noutras áreas (Verrier, 2007). A maior parte dos problemas apresentados pelos adoptados resume-se ao nível da perda, da confiança, da rejeição, da culpa, da vergonha, da identidade, da lealdade, da dominância, e do controlo (Verrier, 2007). O sentimento de rejeição pode ter consequências no desenvolvimento do ego da criança e por sua vez, afectar, como já referido a capacidade de relacionamento com os outros, e mais uma vez a que esta teste permanentemente o amor incondicional dos pais adoptivos (Verrier, 2007).

Outra particularidade de uma criança adoptada, é o medo de se relacionar com os outros, e que pode manifestar-se na infância através do isolamento, do ter poucos amigos, e do “fechar-se”, de modo a evitar uma possível rejeição. Por outro lado, o medo que o adoptado tem de não ser merecedor pode interferir, não só com os relacionamentos afectivos, mas também com a escola, e mais tarde com o trabalho. O ter sofrido uma perda pode criar sentimentos de tristeza e de depressão. Estes sentimentos podem levar a que a criança tenha pensamentos suicidas, podendo manifestar essa ideação através de comportamentos de risco (e.g. consumo de drogas). Muitos adoptados desenvolvem respostas psicossomáticas à perda, desenvolvendo sintomas como: dores de estômago, dores de cabeça, alergias, asma, fadiga crónica, deficiências imunitárias,

eczemas, tiques e gaguez. Estes também podem ser reveladores de ansiedade, que por sua vez pode ser desencadeada pelo receio de que a relação com a figura maternal possa não ser para sempre, manifestando comportamentos provocadores, agressivos, impulsivos, ou distanciados, bondosos e condescendentes. A depressão e a ansiedade podem surgir conjuntamente e influenciar o funcionamento global das capacidades emocionais e intelectuais do adoptado (Verrier, 2007).

Verrier (2007) refere que as crianças adoptadas tendem a ser pouco tolerantes à frustração e a ter um fraco controlo sobre os seus impulsos. A manifesta dificuldade em aprender as relações causa-efeito, ou que os seus comportamentos têm consequências e que são responsáveis por estes, provém da sensação de que alguém teve controlo pela sua vida, que não estes. Isto faz com que em crianças, tenham dificuldades em assumir responsabilidades.

1.6. A institucionalização

“O acolhimento em instituição consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral”.

(Artigo 49º da Lei da Protecção de Crianças e Jovens em Perigo).

Os centros de acolhimento de crianças são locais que acolhem as crianças com o objectivo de garantir o seu desenvolvimento quando a criança carece de uma família que cumpra a sua função parental (Delgado, 2006). A institucionalização tem implicações a nível do desenvolvimento emocional, social e comportamental. As crianças institucionalizadas podem desenvolver

comportamentos mais agressivos e anti-sociais (Groza, Scott & Cash, 2003). Ao nível do desenvolvimento emocional, estas podem manifestar sentimentos depressivos, imagens auto-depreciativas, baixa auto-estima, elevados graus de ansiedade, modificações repentinas de humor, instabilidade emocional, e dificuldades em estabelecer intimidade com outrem e em regular-se emocionalmente (Baker, Kurland, Curtis, Alexander & Papa-Lentini, 2007; Fries & Pollak, 2004 *in* Prior, 2010).

Segundo investigações realizadas por Palacios (1996), crianças institucionalizadas em idade pré-escolar não padecem de mais problemas emocionais do que as adoptadas após período de institucionalização e seus pares. O mesmo não se pode dizer nas crianças institucionalizadas em idade escolar, em comparação com as adoptadas e seus pares, pois as primeiras apresentam mais queixas somáticas, fadiga, nervosismo e medos (Palacios, 1996).

Relativamente ao desenvolvimento social, as crianças institucionalizadas apresentam comportamentos amistosos desajustados com desconhecidos, dificuldades em termos de relacionamentos interpessoais, comportamentos anti-sociais e relações pobres com os pares (Andersson, 2005; Groza, 2003 *in* Prior, 2010).

Em relação ao desenvolvimento comportamental, a criança institucionalizada sofre de privação precoce de estímulos, o que pode desencadear problemas relacionados como o *deficit* de atenção e hiperactividade (Groza, 1999; Judge, 1999; Maclean, 2003; *in* Prior, 2010). Comparando novamente com as crianças em idade escolar, as que se encontram institucionalizadas revelam mais problemas comportamentais, como hostilidade, agressividade, hiperactividade, e distractibilidade, comparadas com as adoptadas e pares (Palacios, Sandoval & Espinosa, 1996).

A adopção, como já referido é considerada como uma alternativa não tradicional de construir uma família que se estabelece através de laços afectivos e não sanguíneos, entre crianças e pais, e que apresenta desafios únicos. Devido a

não ser o normativo e o esperado socialmente pode estar envolta por conceitos de cariz mais negativo, como o estigma social e associada como alvo de atitudes preconceituosas.

1.7. Estigma, Atitudes e Preconceito

O estigma social “resulta de uma determinação depreciativa por outrem que participa na construção de uma imagem negativa, desvalorizada e desvalorizante, de um sujeito percebido como diferente (...) e contribui para a estruturação de um estereótipo” (Selosse, *cit. in* Doron & Farbon, 2001, p.306). Este estigma pode ser visto como um reflexo das atitudes. Segundo Jaspars (1986),

“as atitudes são vistas geralmente como predisposições comportamentais adquiridas introduzidas na análise do comportamento social para dar conta das variações de comportamento em situações aparentemente iguais. Como estados de preparação latente para agir de determinada forma, representa os resíduos da experiencia passada que orientam, enviesam ou de qualquer outro modo influenciam o comportamento. Por definição, as atitudes não podem ser medidas directamente, mas têm de ser inferidas do comportamento (*cit. in* Vala & Monteiro, 2004, p.188).

Tomando como referência o modelo tripartido clássico de Rosenberg e Hovland (1960), pode definir-se atitude como uma disposição proveniente de um conjunto de três componentes: afectivas, cognitivas e comportamentais. A primeira componente refere-se aos sentimentos subjectivos e respostas fisiológicas, a componente cognitiva, às crenças e opiniões, e por último, a componente comportamental que engloba o processo mental e físico que faz com que o individuo se comporte de certa forma (Neto, 1998). A atitude envolve um *continuum* psíquico, caracterizado pela direcção, intensidade, dimensão e acessibilidade. Por direcção, entende-se o grau que atribuímos ao objecto –

positivo ou negativo. Por exemplo, neste caso, o sujeito posiciona-se a favor ou contra a adoção. Por intensidade, entende-se o posicionamento num *continuum* em relação ao grau que escolhemos: se pendemos mais para o lado favorável, ou para o desfavorável. A dimensão permite perceber se o objecto é complexo e se está bem definido. E por último, a acessibilidade refere-se à estabilidade entre o objecto de atitude e a sua avaliação afectiva (Neto, 1998). Segundo este autor, as atitudes também podem ser vistas pelo modo como as pessoas se comportam, são orientadas para um objecto psicológico ou para uma categoria; e são algo que se aprende. Esta aprendizagem, para além de provir dos nossos pais, também advém dos meios de comunicação social, do ambiente escolar, etc (Neto, 1998).

O conceito de atitude está interligado com o conceito de preconceito e de discriminação, pois o preconceito é uma atitude e a discriminação a sua manifestação ao nível do comportamento. Segundo Neto (1998), ao encarar-se o preconceito como atitude, deve-se ter em atenção que este tanto pode ser utilizado quer de modo positivo, quer de modo negativo.

1.8. Estudos sobre a Adopção e Estigma Social

O primeiro estudo a abordar a questão da adoção e estigma social foi o estudo de Kirk, intitulado de “A Teoria da Adopção e Saúde Mental” (1964), onde foi demonstrado a existência de atitudes depreciativas da comunidade em relação à parentalidade adoptiva (Wegar, 2000). Outro estudo da mesma autora (Kirk, 1997) realizado com uma amostra de 1554 adultos na América do Norte, veio por sua vez confirmar a existência de atitudes ambivalentes da comunidade em relação à adoção. Outros estudos realizados com populações-alvo directamente ligadas à adoção, nomeadamente com adolescentes adoptados e com pais adoptivos vieram confirmar essa ambivalência existente nas comunidades. No caso dos adolescentes adoptados, verificou-se que 30% consideraram que “as pessoas esperam que as crianças adoptadas venham a ter problemas”. Quanto aos pais adoptivos, 21% dos participantes consideraram que a “sociedade em

geral não compreende as famílias adoptivas" (Benson, Sharma & Roehlkepartain, 1994, *in* Wegar, 2000). Ainda outros estudos realizados com participantes membros de famílias adoptivas revelaram que os inquiridos se sentiam alvo de estigmatização social diariamente, e mais de dois terços dos participantes referiram que, globalmente, sentem que as famílias adoptivas são vistas como diferentes e inferiores às biológicas (Wegar, 2000).

2. Estudo Empírico

2.1. Objectivos do Estudo

No presente estudo pretendeu-se estudar a representação do público em geral acerca das crianças adoptadas visando, nomeadamente, detectar eventuais expectativas e atribuições preconceituosas. Foi utilizada uma adaptação do *Child History Expectations Questionnaire* (CHEQ; Briggs et al, 1994,1995) o qual mede julgamentos sobre uma criança-alvo apresentada como cometendo uma acção agressiva gratuita. Para o presente objectivo, manipulámos a situação/origem familiar da criança-alvo – com pais biológicos, com pais adoptivos, ou numa instituição/centro a aguardar a adopção – de forma a compararmos as atitudes registadas nas três situações. Uma vez que têm sido encontradas correlações entre as crenças preconceituosas sobre a criança adoptada e as atitudes face à parentalidade adoptiva (Miall, 1987), adicionámos um conjunto de questões que mediam as atitudes face à parentalidade adoptiva (adaptadas de Miall, 1987), nas condições “criança-alvo com pais adoptivos” e “criança-alvo em centro a aguardar a adopção” de forma a examinar de que forma estas atitudes se correlacionavam com os julgamentos da criança-alvo. Optámos por esta manipulação, dada a ambivalência da atitude face à criança adoptada frequentemente encontrada na pesquisa (Wegar, 2000). Acreditamos que a atitude face á criança adoptada envolve quer os aspectos positivos referidos por Wegar (2000), por exemplo, o encarar a parentalidade adoptiva como um exemplo da capacidade do ser humano de criar laços de parentesco para além das relações biológicas, quer os aspectos relacionados com as crenças negativas sobre a herança genética desconhecida ou o trauma do abandono ou da orfandade (Waggenspack, 1998). Ao apresentar a criança-alvo como vivendo com os pais adoptivos, ou numa instituição/centro a aguardar a adopção, tentámos separar as atitudes decorrentes das crenças sobre as crianças abandonadas pelos pais biológicos e aquelas

decorrentes das crenças sobre a adoção. Esperávamos portanto obter os seguintes resultados:

Hipótese 1 – Esperávamos encontrar expectativas e atribuições mais negativas quando a criança-alvo é apresentada como vivendo com os pais adotivos do que quando é apresentada como vivendo com os pais biológicos.

Hipótese 2 – Esperávamos encontrar expectativas e atribuições mais negativas quando a criança-alvo é apresentada como estando num centro a aguardar a adoção do que quando é apresentada como vivendo com os pais adotivos.

Hipótese 3 – Esperávamos encontrar correlações positivas entre as expectativas e atribuições com as atitudes face à parentalidade adoptiva quando esta é apresentada como vivendo com os pais adotivos (mas não quando é apresentada como estando num centro a aguardar a adoção).

2.2. Método

2.2.1. *Participantes*

Neste estudo participaram voluntariamente 180 sujeitos, sendo 90 do sexo masculino, e 90 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 60 anos, ($M=32.96$, $DP=11.92$). Todos os sujeitos eram habitantes da Ilha Terceira, Açores.

2.2.2. Plano Experimental

Os participantes foram aleatoriamente distribuídos por 3 condições experimentais (criança-alvo com pais biológicos vs criança-alvo com pais adotivos vs criança-alvo em centro onde aguarda adopção).

2.3. Instrumento

O questionário utilizado foi baseado no *Child History Expectations Questionnaire* (CHEQ; Briggs et al, 1994,1995) que tem como objectivo averiguar as expectativas dos respondentes sobre o comportamento das crianças possuindo características distintivas (no original, vítimas de abuso sexual; no nosso caso, adoptadas). A escolha deste questionário foi motivada pela sua adequação ao estudo, uma vez que servia para avaliar, como referido acima, as expectativas comportamentais face a uma criança com uma história distintiva e potencialmente geradora de estigma. Dado que, o estigma da criança abusada é em certa medida semelhante em conteúdo ao da criança adoptada – instabilidade emocional, dependência dos adultos, agressividade, etc – considerámo-lo adequado ao objectivo do presente estudo.

É pedido aos respondentes que leiam um pequeno texto descrevendo o comportamento agressivo (neste caso, atirar pedras a um animal) de uma criança-alvo, no caso presente, o João, que é apresentado, respectivamente, como vivendo com os pais biológicos, com pais adotivos, num centro onde espera ser adoptado. Concretamente, o texto é apresentado como uma carta que uma professora enviou aos encarregados de educação de um aluno: *“Venho por este meio informar que ontem ocorreu um lamentável episódio na nossa escola. O João atirou várias pedras a um cão ferindo-o gravemente. De notar que este cão foi acolhido pela escola há vários anos e é acarinhado por todos os professores, alunos e funcionários. É um cão bastante meigo, e os outros alunos que estavam*

no recreio na altura do sucedido dizem que o cão nada fez que levasse a esta reacção do João. Gostaria pois de falar convosco sobre este assunto”.

Posteriormente os participantes responderam a 29 questões em escalas de *Lickert* de 1 a 5 valores (ver Anexo 1). As questões tentam avaliar as inferências dos respondentes sobre os motivos do comportamento da criança-alvo, as suas características psicológicas, inserção social, rendimento escolar, e expectativas sobre futuros comportamentos e sobre o sucesso académico e profissional. Baseada na investigação de Verrier (2007), consideramos que atribuições mais internas ao comportamento agressivo, deduções mais negativas sobre as características psicológicas, inserção social e rendimento escolar, e expectativas mais baixas de sucesso, correspondem a um preconceito sobre o alvo. Os participantes nas condições “criança-alvo com pais adoptivos” e “criança-alvo em centro onde aguarda adopção” responderam depois a um conjunto de 6 questões medindo as atitudes face à parentalidade adoptiva (adaptadas de Miall, 1987; ver Anexo 1). Este conjunto de questões serviu, como referido acima, para testar a relação das atitudes face à parentalidade adoptiva e as respostas ao CHEQ. Adicionalmente, serviu para verificar o sucesso da manipulação experimental.

A parte final do questionário era constituída pelos dados demográficos do participante (idade, sexo, e habilitações literárias), e por um conjunto de cinco questões relevantes para o estudo em questão (ver Anexo 1) respondidas em caixas de verificação Sim ou Não.

2.4. Procedimento

Na abordagem aos participantes a investigadora apresentava-se como aluna de Mestrado, pedindo colaboração para efeitos duma investigação na área da Psicologia, sendo que estes eram informados da confidencialidade do estudo. Nenhum participante se recusou a participar. A amostra foi recolhida por conveniência, devido a proximidade geográfica e limitação de tempo, tendo sido

escolhidos locais com grande afluência de pessoas, (e.g. junta de freguesia), além de também ter sido solicitada a colaboração a conhecidos. As três versões do questionário correspondendo às três condições experimentais foram distribuídas aleatoriamente pelos respondentes excepto na fase final da recolha de dados em que se atendeu à sua idade e sexo de forma a distribuí-las proporcionalmente pelas três condições.

Após a recolha dos dados, foi realizada a análise estatística dos mesmos através do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). Para tal, foi realizada uma Análise de Componentes Principais para agrupar os itens em sub-escalas. Pudemos assim também comparar a estrutura obtida com a da escala original (CHEQ; Briggs et al, 1994,1995). Foram depois calculadas as estatísticas descritivas na amostra total.

No sentido de explorar a relação entre a situação familiar da criança (filho biológico/criança adoptada/criança institucionalizada a aguardar adopção) e a percepção dos participantes acerca da criança, procedeu-se ao cálculo dos coeficientes de correlação (r de Pearson) e a análises da variância (*One Way ANOVA*).

3. Resultados

3.1. Variáveis sócio-demográficas e individuais

As amostras do sexo masculino e do sexo feminino distribuíram-se igualmente pelas condições experimentais, sendo que na Condição “criança-alvo com pais biológicos” a média de idades é, $M=29.23$, $DP= 9.70$); na Condição “criança-alvo com pais adoptivos” é, $M=34.00$, $DP=11.39$); e na Condição “criança-alvo em centro a aguardar adopção” é, $M=35.65$, $DP=13.60$).

Relativamente às habilitações literárias, 5% dos sujeitos completou o 4º ano de escolaridade do primeiro ciclo do ensino básico; 8.3% o 6º ano do segundo ciclo do ensino básico; 22.8% o 9º ano do terceiro ciclo do ensino básico; 33.3% o ensino secundário; e 30.6% o ensino superior.

Outras variáveis a analisar incluem questões relativas à composição do agregado familiar e à familiaridade com o processo de adopção sendo que apenas 42% dos participantes tem filhos, e destes, apenas dois deles referem ter filhos adoptados. A percentagem de sujeitos que afirmou ser capaz de adoptar uma criança no futuro é de 73.3% e 67.8% dos participantes registaram conhecer famílias que adoptaram crianças. Relativamente ao conhecimento do processo de adopção, apenas 38.9% dos participantes afirmam tê-lo.

3.2. Estatísticas correlacionais e inferenciais

Foi realizada uma Análise de Componentes Principais de forma a agrupar os itens em sub-escalas tal como foi feito com a da escala original (Briggs et al,

1994,1995). A análise efectuada revelou ser legítima ($KMO=.78$) sendo retidos 7 factores que explicavam 59.90% da variância total (ver Quadro 1).

Quadro 1. *Factores e respectivos valores de Alpha entre parentesis*

	Factores						
	1	2	3	4	5	6	7
Sucesso ($\alpha= .84$)							
27. Realização Académica	.84						
30. Sucesso	.84						
31. Bem ajustado	.80						
26. Notas escolares	.72						
25. Inteligência	.53						.41
Resposta Comportamental ($\alpha=.81$)							
14. Isolar-se		.72					
15. Medo de estar sozinho		.72					
17. Queixas Somáticas		.58					
23. Poucos amigos		.58					
19. Não ouvir Professora		.56					
18. Desempenho escolar		.49					
20. Não ajuda os outros		.49					
16. Vinculação professor	.43	.40					
Resposta Emocional ($\alpha=.71$)							
7. Malcriado para a professora			.78				
6. Fúria			.69				
10. Cruel para outras crianças			.61				
8. Triste			.49				
13. Comportamentos Sexuais			.41				
Continuidade (.76)							
1. Passado				.81			
2. Futuro				.80			
22. Problemas				.50			
Atribuição Interna ($\alpha=.78$)							
32. Responsabilidade					.86		

34. Personalidade		.86
Afabilidade social ($\alpha=.55$)		
9. Simpático		.71
21. Alguém de quem gostam		.58
Popularidade ($\alpha=.35$)		
12. Popular		.61
24. Auto-estima		.59
11. Exibicionista	.51	.52

De seguida, para verificar a consistência interna de cada um dos factores, realizou-se o teste de *Alpha* de *Cronbach* com os itens que saturavam mais fortemente em cada factor. Para o Factor 1 que denominámos *Sucesso*, *Alpha* =.84, agrupando as questões 25, “Como avaliaria a inteligência do João”; 26, “Qual a sua estimativa das notas escolares desta criança no presente”; 27, “Como avaliaria o potencial do João relativamente ao seu sucesso académico no futuro”; 30, “Qual a probabilidade do João se tornar um profissional adulto sucedido”; e 31, “Qual a probabilidade do João se tornar um adulto bem ajustado”). A nova variável “Sucesso”, apresentava a $M = 2.60$, e $DP = .651$ na amostra total.

O Factor 2 denominado *Resposta Comportamental*, *Alpha* =.81, agrupava as questões 14, “Qual a probabilidade do João se isolar do resto da turma”; 15, “Qual a probabilidade do João ter medo de se sentir sozinho na turma”; 17, “Qual a probabilidade do João ter queixas corporais frequentes, tais como dores de cabeça, de estômago, dores a urinar, etc.”; 18, “Qual a probabilidade do João ter um mau desempenho escolar”; 19, “Qual a probabilidade do João não ouvir o professor (a).”; 20, “Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo alguém que não ajuda os outros.”; e 23, “Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como alguém que tem poucos amigos.”). A nova variável “Resposta Comportamental”, apresentava a $M = 3.27$, e $DP = .737$ na amostra total.

Para o Factor 3, denominado *Resposta Emocional*, *Alpha* =.71 agrupou as questões 6, “Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo alguém que fica furioso quando não leva a sua avante.”; 7,

“Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo mal-educado para com a professora.”; 8, “Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo infeliz ou triste.”; 10, “Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como sendo mau e cruel para as outras crianças.”; e 13, “Qual a probabilidade do João exibir comportamentos sexuais impróprios à sua idade.”. A nova variável “Resposta Emocional”, apresentava a $M= 3.22$, e $DP=.70$ na amostra total.

O Factor 4 – denominado *Continuidade*, $Alpha = .76$, agrupava as questões 1, “Qual a probabilidade do João ter cometido no passado um acto prejudicial semelhante ao descrito na carta.” e 2, “Qual a probabilidade do João cometer um acto semelhante no futuro.” Neste factor exclui-se um item, o 22, “Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como alguém que se mete em problemas.” (.50), por baixar fortemente o $Alpha$. A nova variável “Continuidade” apresentava a $M=3.50$, e $DP=.868$ na amostra total.

Por sua vez o Factor 5 – denominado *Atribuição interna*, $Alpha = .78$, agrupou as questões 32, “Como avaliaria a importância da responsabilidade pessoal como uma causa do comportamento do João.”; e 34, “Como avaliaria a importância das características de personalidade do João como causa do seu comportamento.” A nova variável “Atribuição Interna” apresentou uma $M=3.36$, e $DP=.908$ na amostra total.

Os factores 6 - *Afabilidade Social* e 7 – *Popularidade* apresentaram um valor de $Alpha$ de .55 e de .35, respectivamente, tendo sido, por isso, excluídos para posterior análise.

Os nomes das escalas, são diferentes do CHEQ original (Briggs et al, 1994,1995), uma vez que as questões agrupadas pela ACP neste estudo não foram as mesmas que no original. A primeira foi denominada *Sucesso* porque as questões envolvidas estão relacionadas com o potencial académico e capacidade de se tornar uma pessoa sucedida; *Resposta Comportamental e Emocional* devido às questões incluídas serem reflexo do comportamento; *Continuidade* porque o termo continuo está associado com a mudança no comportamento no decurso do desenvolvimento e aprendizagem; *Atribuição interna* porque as questões envolventes dependem duma causa interna à pessoa e não das

circunstâncias; e *Afabilidade Social* e *Popularidade* porque as questões reflectem a ideia do hetero-conceito, ou seja, traduzem o juízo e a imagem que os outros têm acerca do sujeito (Doron & Parot, 2001).

Posteriormente, para medir a consistência do conjunto de 6 itens que mediam as atitudes face à parentalidade adoptiva (Miall, 1987), presentes apenas nos questionários da condição “criança-alvo com pais adoptivos” e “criança-alvo em centro a aguardar adopção”, também se utilizou o teste *Alpha* de *Cronbach*, tendo sido necessário recodificar as questões 1, 2, 3, 4, 5 e 6. O valor obtido foi de .81, o que indica uma forte correlação entre os itens, concretamente: Ser pai /mãe adoptivo é igual a ser pai / mãe biológico; Os sentimentos maternos adoptivos são diferentes dos maternos biológicos; Os sentimentos paternos adoptivos são diferentes dos paternos biológicos; Adoptar uma criança é um grande risco; As crianças adoptadas serão mais provavelmente um problema do que as não adoptadas; Qual a sua posição face à adopção em geral. Foram por isso, agregados numa só variável que denominámos “Atitudes face à adopção”, com a M global = 3.53, e DP = 0.86.

Para examinar de que forma esta variável “Atitudes face à adopção” estava relacionada com as respostas dos participantes nas variáveis críticas calculámos o coeficiente de correlação de *Pearson* em cada uma das duas condições experimentais. Na Condição “criança-alvo com pais adoptivos”, obtiveram-se resultados significativos relativamente aos factores *Sucesso* e *Resposta Comportamental* (ver Quadro 2).

Quadro 2. Valores das correlações (r de *Pearson*) entre as atitudes face à adopção e os factores investigados na Condição “criança-alvo com pais adoptivos”.

		Sucesso	Resposta Comportamental	Resposta Emocional	Continuidade	Atribuição Interna
Atitudes face à adopção	Coeficiente de Pearson	.300	-.322	-.215	-.161	.008
	p	.020*	.013*	.100	.218	.953
	N	60	59	60	60	60

* $p < .05$

Como é possível verificar no Quadro 3, na Condição “criança-alvo em centro a aguardar adopção”, apenas se obteve uma correlação significativa com o Factor *Continuidade*.

Quadro 3. Valores das correlações (*r* de Pearson) entre as atitudes face à adopção e os factores investigados na Condição “criança-alvo em centro a aguardar adopção”.

		Sucesso	Resposta Comportamental	Resposta Emocional	Continuidade	Atribuição Interna
Atitudes face à adopção	Coeficiente de Pearson	.046	-.128	-.134	-.255	-.180
	<i>p</i>	.727	.330	.306	.049*	.169
	<i>N</i>	60	60	60	60	60

* $p < .05$

Foram realizadas análises de variância, *One Way ANOVA*, no sentido de detectar os factores que divergiam significativamente nas três condições experimentais. Apenas se observaram diferenças marginalmente significativas na escala de *Sucesso*, $F(2, 177) = 2.41$, $p = .09$; das restantes escalas, a maior diferença foi, $F(2, 177) = 1.67$, *ns*. Os testes post-hoc realizados sobre as médias de *Sucesso*, mostraram que de facto foi atribuído maior potencial de sucesso à “criança com pais adoptivos” do que à “criança em centro a aguardar adopção”, respectivamente, $M=2.71$ e $M=2.46$, $p = .03$ (teste LSD); as restantes duas diferenças, não foram significativas, sendo a maior $p = .14$.

4. Discussão

Nesta sessão final, cabe-nos reflectir sobre os principais resultados desta investigação, assim como referir as limitações do estudo e fornecer sugestões para novos estudos.

As duas primeiras hipóteses que se pretenderam analisar neste estudo: (1) As pessoas apresentam mais atitudes negativas em relação a crianças adoptadas do que em relação a crianças que residem com os pais biológicos; (2) As pessoas apresentam mais atitudes negativas em relação a crianças institucionalizadas do que em relação a crianças adoptadas, não foram confirmadas. Aparentemente, os inquiridos não apresentaram preconceito nem face à criança adoptada nem face à criança institucionalizada. Ou seja, relativamente à criança com os pais biológicos, os inquiridos não consideraram que estas teriam menos popularidade, afabilidade social, ou respostas comportamentais e emocionais mais negativas, nem fizeram atribuições mais internas nem apresentaram mais expectativas de continuidade do comportamento agressivo. De um modo geral, ao contrário do que alguns estudos referidos no enquadramento teórico mostram, os participantes deste estudo parecem não considerar a prática da adopção e consequentemente a criança adoptada como sinónimo de problemas, ou como um factor de risco.

No âmbito da amostra total os participantes registaram uma atitude positiva face à prática da adopção, $M= 3.53$, $DP= 0.86$, numa escala de 1 a 5. Ainda relativamente à amostra total de participantes, estes classificaram na mesma escala de 1 a 5 valores as sub-escalas com as seguintes médias (*Sucesso*, $M=2.60$, *Resposta Comportamental*, $M=3.27$, *Resposta Emocional*, $M= 3.22$, *Continuidade*, $M= 3.50$, *Atribuição interna*, $M= 3.36$). À excepção, da escala *Sucesso*, as restantes escalas foram recodificadas pelo que são classificadas no sentido negativo. Estas médias indicam que, como seria de esperar, os participantes formularam atitudes negativas sobre o João a partir do comportamento de agressividade gratuita descrito. No entanto quando comparadas as 3 condições experimentais, não existem diferenças significativas

além da diferença marginalmente significativa no *Sucesso*, encontrada na condição “criança-alvo com pais adotivos” e “criança-alvo em centro a aguardar a adoção”. Não fora as correlações encontradas com as atitudes face à adoção indicando que os participantes consideraram de facto a situação da “criança-alvo”, poderia explicar-se esta ausência de diferenças pelo facto dos participantes não terem tido em conta a condição/situação familiar do João.

De facto, corroborando a nossa Hipótese 3, a variável *atitude face à adoção* está correlacionada com a variável *Sucesso* e com a variável *Resposta Comportamental* mas só na condição “criança-alvo com pais adotivos”. Nesta condição, quanto mais positiva forem as atitudes dos participantes face à adoção, mais eles esperam que as crianças com pais adotivos tenham sucesso e mais esperam que estas crianças não apresentem comportamentos negativos. Já na condição “criança-alvo em centro a aguardar adoção”, não encontramos este padrão tão claro de resultados. Isto é compreensível dado que esta criança não beneficiou ainda, na sua situação de institucionalizada, das vantagens da adoção efectiva.

É de ressaltar que os estudos que revelaram a adoção como estando associada a um estigma social foram realizados noutras sociedades, nomeadamente, americana e canadiana, e que a diferença de culturas e crenças associadas, quando comparadas com a realidade nacional pode ser um factor a considerar e explicativo da ausência de preconceito na nossa amostra. De facto uma meta-análise, sugere que a maioria dos adoptados são bem ajustados (Juffer & Van Ijzendoorn, 2005; Nickman et al, 2005; Van Ijzendoorn, Juffer & Klein Poelhuis, 2005 in Fenney, Passmore & Peterson, 2007).

Relativamente à diferença marginalmente significativa entre as 3 condições encontrado na variável *Sucesso* esta pode dever-se ao facto do sucesso escolar e futuro ajustamento estar relacionado com a estruturação familiar, pois a família não tem influência apenas na formação de personalidade da criança, mas também no seu rendimento escolar e comportamento na escola (Barros, 2002). Como o ambiente familiar é diferente entre famílias tradicionais e adoptivas, devido a especificidades já discutidas no enquadramento teórico, essa diferença é ainda mais acentuada pelas características próprias duma

instituição/centro. Segundo vários autores, as instituições são caracterizadas por uma série de factores negativos, tais como: discriminação e desagregação familiar, relações afectivas inadequadas e ambiente pouco harmonioso, despersonalização, falta de pessoal especializado, carência de recursos ao nível das instalações (González, 1996 & Bullock, 1999, *in* Delgado, 2006). Estas características podem justificar o facto de na condição “criança-alvo em centro a aguardar adopção”, os participantes avaliarem mais negativamente o João do que na condição “criança-alvo com pais adoptivos”.

Nas famílias adoptivas, a literatura por sua vez mostra que a criança pode desenvolver fracasso escolar provocado pelo sentimento/crença de que foi adoptada como forma de retaliação pelo seu comportamento anterior (Alarcão, 2006); e desenvolver condutas desadaptativas que afectam o rendimento escolar (Palacios, Sandoval, & Espinosa, 1996). Provavelmente, os participantes revelaram atitudes mais negativas quando se referiram à criança no centro do que quando à criança adoptada por perspectivarem que o facto de a criança já estar integrada numa família representar um factor potenciador de maior estimulação.

Relembro que a recolha dos dados foi feita apenas numa zona geográfica, tendo a particularidade de ser um meio pequeno, como é o da ilha Terceira, o que pode ter tido influência nos resultados pelo facto do próprio processo de adopção não ser muito conhecido aos participantes, e de não ser uma prática tão recorrente, como nas zonas mais populacionais, além de que por ser um meio pequeno pode ser tendencialmente mais conservador. Não podemos por isso generalizar os resultados obtidos para a população portuguesa. Como limitação do estudo pode-se apontar o facto de não ter controlado a distribuição igualitária de idade dos participantes pelas três condições experimentais, pois a variável idade estará provavelmente associada à relevância e importância dada à parentalidade, independentemente se biológica, se adoptiva. Teria sido vantajoso ter também questionado os participantes quanto ao facto de se eles próprios seriam filhos de pais biológicos, de pais adoptivos, ou se por algum motivo já estiveram institucionalizados, pois a sua origem e experiência de dinâmicas familiares, influenciará a sua atitude face à prática da adopção. O facto da escala

utilizada (CHEQ) não estar validada para a população portuguesa constitui também uma limitação ao nível do instrumento.

Para efeito de futuros estudos, seria interessante recolher uma amostra maior e em várias zonas do país, no sentido de nos aproximarmos mais da representatividade estatística. Assegurar um maior controlo das variáveis, entre as quais, a idade, para assegurar que a diferença de vivências *à priori* não interfira com os resultados.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Oliveira, J.H.B. (2002). *Psicologia da Família*. Lisboa: Universidade Aberta
- Briggs, K.; Hubbs-Tait, L.; Culp, R.E., & Morse, S. (1994). Sexual Abuse Label: Adult expectations for children. *The American Journal of Family Therapy*, 22, 304-314
- Brinich. P. M. (1995). Psychoanalytic perspectives on adoption ambivalence..*Psychoanalytic psychology*, 12, 181-199.
- Delgado, P. (2006). *Os Direitos das Crianças da Participação à Responsabilidade. O sistema de Protecção e Educação das Crianças e Jovens*. Porto: Profedições
- Diniz, J. S. (1993). *Este meu filho que eu não tive. A adopção e os seus problemas*. Porto: Edições Afrontamento
- Doron, R. & Parot, F (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores
- Farber,M., Timberlake, E., Mudd, H., e Cullen, L. (2003). Preparing parents for adoption: an agency experience. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 20, 175-196
- Feeney, J., Passmore, N., & Peterson, C. (2007). Adoption, attachment, and relationship concerns: a study of adult adoptees. *Personal Relationships*, 14, 129-147.
- Groza, V., Scott, D., & Cash. S. (2003). Institutionalization, Behaviour, and Internacional Adoption: Predictors of Behaviour Problems. *Journal of Immigrant Health*, 5, 1-16.

- Javier, R. A.; Baden, A. L.; Biafora, F. A. & Camacho-Gingerich, A. (2007). *Handbook of Adoption: Implications for Researchers, Practitioners, and Families*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Mascarenhas, M.C. & Alarcão, M. (2002). Famílias adoptivas e processos de adoção. In C. Machado & R.A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes: Vol 2. - Crianças* (pp.245-289). Coimbra: Quarteto Editora
- Mateus, G. & Relvas, A. (2007). Adopção e parentalidade. In A. P. Relvas & M. Alarcão (Coords.), *Novas Formas de Família*, (pp. 120-187). Coimbra: Quarteto Editora
- Miall, C. E., (1996). The Social Construction of Adoption: Clinical and Community Perspectives. *Family Relations*, 45, 309-317
- Miall, C. E., (1987). The Stigma of Adoptive Parent Status: Perceptions of Community Attitudes Toward Adoption and the Experience of Informal Social Sanctioning. *Family Relations*, 36, 34-39.
- Neto, F. (2007). *Psicologia Social*. Lisboa: Universidade Aberta
- Palacios, J. (1998). Familias Adoptivas. In M.J. Rodrigo & J. Palacios (Coords). *Família y Desarrollo Humano*, 353-371. Madrid: Alianza Editorial
- Palacios, J.; Sandoval. Y. & Espinosa, E. (1996). *La adopción en Andalucía*. Sevilla: Dirección General de Atención al Niño. Consejería de Asuntos Sociales. Junta de Andalucía.
- Prior, F. (2010). *Impacto da institucionalização no comportamento e no desenvolvimento emocional de crianças adoptadas. Um estudo longitudinal*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Portugal.
- Rodrigo, M. J., & Palacios, J. (1998). *Família y desarrollo humano. Contextos familiares no convencionales y de riesgo*. Madrid: Alianza
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (2002). *Terapia Familiar*. Porto: Edições Afrontamento

- Salvaterra, F., & Veríssimo, M. (2008). A adopção: O Direito e os afectos. Caracterização das famílias adoptivas do Distrito de Lisboa. *Análise Psicológica*, 26, 501-517
- Waggenspack, B. M., (1998). The Symbolic Crises of Adoption: Popular Media's Agenda Setting. *Adoption Quarterly*, 1, 57-82.
- Wegar, K. (2000). Adoption, Family Ideology, and Social Stigma: Bias in Community Attitudes, Adoption Research, and Practice. *Family Relations*, 49, 363-370
- Vala, J. & Monteiro, M. B. (2006). *Psicologia Social* (6ª Ed.), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Verrier, N. (2007). *Compreender a Criança Adoptada*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

ANEXOS

Condição “criança-alvo com pais biológicos”

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

O presente questionário é composto por um conjunto de questões que devem ser respondidas estritamente de acordo com a sua experiência e opinião pessoal, não havendo respostas certas ou erradas. As respostas são anónimas e confidenciais; por isso, por favor, responda o mais sinceramente possível.

Antes de começar, leia por favor, a carta que uma professora enviou aos encarregados de educação, neste caso, aos pais do João.

Venho por este meio informar que ontem ocorreu um lamentável episódio na nossa escola. O João atirou várias pedras a um cão ferindo-o gravemente. De notar que este cão foi acolhido pela escola há vários anos e é acarinhado por todos os professores, alunos e funcionários. É um cão bastante meigo, e os outros alunos que estavam no recreio na altura do sucedido dizem que o cão nada fez que levasse a esta reacção do João. Gostaria pois de falar convosco sobre este assunto.

Cumprimentos

Na sequência desta carta, os pais do João foram aconselhados a estar mais atentos ao seu comportamento e a recorrer à ajuda de um psicólogo em caso de voltar a ocorrer um comportamento como o descrito.

Responda agora, por favor, às seguintes questões sobre este caso.

Em sua opinião...

- 1. Qual a probabilidade do João ter cometido no passado um acto prejudicial semelhante ao descrito na carta.**

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

- 2. Qual a probabilidade do João cometer um acto semelhante no futuro.**

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

6. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo alguém que fica furioso quando não leva a sua avante.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

7. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo mal-educado para com a professora.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

8. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo infeliz ou triste.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

9. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como particularmente simpático.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

10. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como sendo mau e cruel para as outras crianças.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

11. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo alguém exibicionista perante a turma.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

12. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como muito popular.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

13. Qual a probabilidade do João exibir comportamentos sexuais impróprios à sua idade.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

14. Qual a probabilidade do João se isolar do resto da turma.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

15. Qual a probabilidade do João ter medo de se sentir sozinho na turma.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

16. Qual a probabilidade do João se apegar aos professores.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

17. Qual a probabilidade do João ter queixas corporais frequentes, tais como dores de cabeça, de estômago, dores a urinar, etc.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

18. Qual a probabilidade do João ter um mau desempenho escolar.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

19. Qual a probabilidade do João não ouvir o professor (a).

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

20. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo alguém que não ajuda os outros.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

21. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como alguém de quem todas as pessoas gostam.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

22. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como alguém que se mete em problemas.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

23. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como alguém que tem poucos amigos.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

24. Como avaliaria a auto-estima do João.

Baixa

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Elevada

25. Como avaliaria a inteligência do João.

Fraca

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Elevada

26. Qual a sua estimativa das notas escolares desta criança no presente.

Baixas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Altas

27. Como avaliaria o potencial do João relativamente ao seu sucesso académico no futuro.

Baixo

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Elevado

30. Qual a probabilidade do João se tornar um profissional adulto sucedido.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

31. Qual a probabilidade do João se tornar um adulto bem ajustado.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

32. Como avaliaria a importância da responsabilidade pessoal como uma causa do comportamento do João.

Nenhuma importância

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita importância

34. Como avaliaria a importância das características de personalidade do João como causa do seu comportamento.

Nenhuma importância

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita importância

36. Qual a probabilidade do João ter sido abusado sexualmente no passado.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

Registe agora os seus dados pessoais:

Sexo : F ☐ M ☐

Idade:

Habilitações literárias: _____

Profissão : _____

No caso de ser estudante, que curso frequenta: _____

1-Tem filhos : Sim ☐ Não ☐

2-Tem filhos adoptados : Sim ☐ Não ☐

3- Se respondeu não, seria capaz de vir a adoptar uma criança no futuro : Sim ☐ Não ☐

4- Conhece casos de famílias que adoptaram: Sim ☐ Não ☐

5- Tem conhecimento do processo de adopção: Sim ☐ Não ☐

Muito obrigada pela sua colaboração!

Condição “criança-alvo com pais adotivos”

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

O presente questionário é composto por um conjunto de questões que devem ser respondidas estritamente de acordo com a sua experiência e opinião pessoal, não havendo respostas certas ou erradas. As respostas são anónimas e confidenciais; por isso, por favor, responda o mais sinceramente possível.

Antes de começar, leia por favor, a carta que uma professora enviou aos encarregados de educação, neste caso, os pais adoptivos do João.

Venho por este meio informar que ontem ocorreu um lamentável episódio na nossa escola. O João atirou várias pedras a um cão ferindo-o gravemente. De notar que este cão foi acolhido pela escola há vários anos e é acarinhado por todos os professores, alunos e funcionários. É um cão bastante meigo, e os outros alunos que estavam no recreio na altura do sucedido dizem que o cão nada fez que levasse a esta reacção do João. Gostaria pois de falar convosco sobre este assunto.

Cumprimentos

Na sequência desta carta, os pais adoptivos do João foram aconselhados a estar mais atentos ao seu comportamento e a recorrer à ajuda de um psicólogo em caso de voltar a ocorrer um comportamento como o descrito.

Responda agora, por favor, às seguintes questões sobre este caso.

Em sua opinião...

- 1. Qual a probabilidade do João ter cometido no passado um acto prejudicial semelhante ao descrito na carta.**

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

2. Qual a probabilidade do João cometer um acto semelhante no futuro.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

6. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo alguém que fica furioso quando não leva a sua avante.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

7. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo mal-educado para com a professora.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

8. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo infeliz ou triste.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

9. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como particularmente simpático.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

10. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como sendo mau e cruel para as outras crianças.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

11. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo alguém exibicionista perante a turma.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

12. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como muito popular.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

13. Qual a probabilidade do João exibir comportamentos sexuais impróprios à sua idade.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

14. Qual a probabilidade do João se isolar do resto da turma.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

15. Qual a probabilidade do João ter medo de se sentir sozinho na turma.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

16. Qual a probabilidade do João se apegar aos professores.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

17. Qual a probabilidade do João ter queixas corporais frequentes, tais como dores de cabeça, de estômago, dores a urinar, etc.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

18. Qual a probabilidade do João ter um mau desempenho escolar.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

19. Qual a probabilidade do João não ouvir o professor (a).

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

20. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo alguém que não ajuda os outros.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

21. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como alguém de quem todas as pessoas gostam.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

22. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como alguém que se mete em problemas.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

23. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como alguém que tem poucos amigos.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

24. Como avaliaria a auto-estima do João.

Baixa

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Elevada

25. Como avaliaria a inteligência do João.

Fraca

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Elevada

26. Qual a sua estimativa das notas escolares desta criança no presente.

Baixas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Altas

27. Como avaliaria o potencial do João relativamente ao seu sucesso académico no futuro.

Baixo

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Elevado

30. Qual a probabilidade do João se tornar um profissional adulto sucedido.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

31. Qual a probabilidade do João se tornar um adulto bem ajustado.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

32. Como avaliaria a importância da responsabilidade pessoal como uma causa do comportamento do João.

Nenhuma importância

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita importância

34. Como avaliaria a importância das características de personalidade do João como causa do seu comportamento.

Nenhuma importância

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita importância

36. Qual a probabilidade do João ter sido abusado sexualmente no passado.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

Responda agora a este grupo de questões:

1. Ser pai /mãe adotivo é igual a ser pai / mãe biológico.

Discordo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Concordo Totalmente

2. Os sentimentos maternos adotivos são diferentes dos maternos biológicos.

Discordo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Concordo Totalmente

3. Os sentimentos paternos adotivos são diferentes dos paternos biológicos.

Discordo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Concordo Totalmente

4. Adotar uma criança é um grande risco.

Discordo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Concordo Totalmente

5. As crianças adotadas serão mais provavelmente um problema do que as não adotadas.

Discordo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Concordo Totalmente

6. Qual a sua posição face à adoção em geral.

Aprovo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Desaprovo Totalmente

Registe agora os seus dados pessoais:

Sexo : F ☐ M ☐

Idade:

Habilitações literárias: _____

Profissão : _____

No caso de ser estudante, que curso frequenta: _____

1-Tem filhos : Sim ☐ Não ☐

2-Tem filhos adoptados : Sim ☐ Não ☐

3- Se respondeu não, seria capaz de vir a adoptar uma criança no futuro : Sim ☐ Não ☐

4- Conhece casos de famílias que adoptaram: Sim ☐ Não ☐

5- Tem conhecimento do processo de adopção: Sim ☐ Não ☐

Muito obrigada pela sua colaboração!

Condição “criança-alvo em centro a aguardar adopção

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

O presente questionário é composto por um conjunto de questões que devem ser respondidas estritamente de acordo com a sua experiência e opinião pessoal, não havendo respostas certas ou erradas. As respostas são anónimas e confidenciais; por isso, por favor, responda o mais sinceramente possível.

Antes de começar, leia por favor, a carta que uma professora enviou aos encarregados de educação, neste caso, os responsáveis do Centro de Adopção onde o João está a aguardar futura adopção.

Venho por este meio informar que ontem ocorreu um lamentável episódio na nossa escola. O João atirou várias pedras a um cão ferindo-o gravemente. De notar que este cão foi acolhido pela escola há vários anos e é acarinhado por todos os professores, alunos e funcionários. É um cão bastante meigo, e os outros alunos que estavam no recreio na altura do sucedido dizem que o cão nada fez que levasse a esta reacção do João. Gostaria pois de falar convosco sobre este assunto.

Cumprimentos

Na sequência desta carta, os responsáveis do Centro de Adopção foram aconselhados a estar mais atentos ao seu comportamento e a recorrer à ajuda de um psicólogo em caso de voltar a ocorrer um comportamento como o descrito.

Responda agora, por favor, às seguintes questões sobre este caso.

Em sua opinião...

- 1. Qual a probabilidade do João ter cometido no passado um acto prejudicial semelhante ao descrito na carta.**

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

3. Qual a probabilidade do João cometer um acto semelhante no futuro.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

6. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo alguém que fica furioso quando não leva a sua avante.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

7. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo mal-educado para com a professora.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

8. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo infeliz ou triste.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

9. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como particularmente simpático.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

10. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como sendo mau e cruel para as outras crianças.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

11. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo alguém exibicionista perante a turma.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

12. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como muito popular.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

13. Qual a probabilidade do João exibir comportamentos sexuais impróprios à sua idade.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

14. Qual a probabilidade do João se isolar do resto da turma.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

15. Qual a probabilidade do João ter medo de se sentir sozinho na turma.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

16. Qual a probabilidade do João se apegar aos professores.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

17. Qual a probabilidade do João ter queixas corporais frequentes, tais como dores de cabeça, de estômago, dores a urinar, etc.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

18. Qual a probabilidade do João ter um mau desempenho escolar.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

19. Qual a probabilidade do João não ouvir o professor (a).

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

20. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como sendo alguém que não ajuda os outros.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

21. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos seus colegas de turma como alguém de quem todas as pessoas gostam.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

22. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como alguém que se mete em problemas.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

23. Qual a probabilidade do João ser considerado pelos colegas de turma como alguém que tem poucos amigos.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

24. Como avaliaria a auto-estima do João.

Baixa

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Elevada

25. Como avaliaria a inteligência do João.

Fraca

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Elevada

26. Qual a sua estimativa das notas escolares desta criança no presente.

Baixas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Altas

27. Como avaliaria o potencial do João relativamente ao seu sucesso académico no futuro.

Baixo

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Elevado

30. Qual a probabilidade do João se tornar um profissional adulto sucedido.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

31. Qual a probabilidade do João se tornar um adulto bem ajustado.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

32. Como avaliaria a importância da responsabilidade pessoal como uma causa do comportamento do João.

Nenhuma importância

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita importância

34. Como avaliaria a importância das características de personalidade do João como causa do seu comportamento.

Nenhuma importância

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita importância

36. Qual a probabilidade do João ter sido abusado sexualmente no passado.

Nenhuma

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Muita

Responda agora a este grupo de questões:

1. Ser pai /mãe adoptivo é igual a ser pai / mãe biológico.

Discordo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Concordo Totalmente

2. Os sentimentos maternos adoptivos são diferentes dos maternos biológicos.

Discordo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Concordo Totalmente

3. Os sentimentos paternos adoptivos são diferentes dos maternos biológicos.

Discordo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Concordo Totalmente

4. Adoptar uma criança é um grande risco.

Discordo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Concordo Totalmente

5. As crianças adoptadas serão mais provavelmente um problema do que as não adoptadas.

Discordo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Concordo Totalmente

6. Qual a sua posição face à adopção em geral.

Aprovo Totalmente

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

 Desaprovo Totalmente

Registe agora os seus dados pessoais:

Sexo : F ☐ M ☐

Idade:

Habilitações literárias: _____

Profissão : _____

No caso de ser estudante, que curso frequenta: _____

1-Tem filhos : Sim ☐ Não ☐

2-Tem filhos adoptados : Sim ☐ Não ☐

3- Se respondeu não, seria capaz de vir a adoptar uma criança no futuro : Sim ☐ Não ☐

4- Conhece casos de famílias que adoptaram: Sim ☐ Não ☐

5- Tem conhecimento do processo de adopção: Sim ☐ Não ☐

Muito obrigada pela sua colaboração!